

Nilismo, verdade e conflito na hermenêutica filosófica de Gianni Vattimo¹

Luis Uribe Miranda

Professor Doutor do Departamento de Filosofia

Universidade Federal do Maranhão – UFMA

E-mail: luis.uribe@wanadoo.fr

Recebido em: 11/01/2019.

Aprovado em: 13/04/2019.

Resumo: Este artigo desenvolve a tese segundo a qual o nilismo é conatural a hermenêutica filosófica, segundo Gianni Vattimo. A afirmação dessa tese não implica a negação da verdade, mas sim, uma saída da metafísica da presença e de seu conceito de verdade como *adaequatio*, o que implica afirmar que, também, o conflito é conatural na hermenêutica filosófica e que, por sua vez, abre o caminho para pensar uma política a partir do enfraquecimento da hermenêutica em Gianni Vattimo.

Palavras Chaves: Nilismo. Hermenêutica. Verdade. Conflito. Gianni Vattimo.

Nihilism, truth and conflict in Gianni Vattimo's philosophical hermeneutics

Abstract: This article develops Gianni Vattimo's thesis that nihilism is connatural to philosophical hermeneutics. This thesis affirmation does not imply the denial of truth, but an exit from the metaphysics of presence and its concept of truth as *adaequatio* – which also implies affirming conflict is connatural in philosophical hermeneutics and, in turn, it opens the way to think politics from the weakening of Gianni Vattimo's hermeneutics.

Keywords: Nihilism, hermeneutics, truth, conflict, Gianni Vattimo.

Introdução

Que a hermenêutica filosófica não é só uma metodologia para o conhecimento científico, aparece como algo evidente para o leitor atento de Gadamer. Para além das tentativas de reduzir a hermenêutica filosófica a uma teoria do conhecimento, uma técnica para a interpretação de textos ou uma metodologia, o certo é que Hans-Georg Gadamer já contestava e rechaçava uma compreensão deste tipo da sua filosofia em *Wahrheit und Methode* de 1960. Na introdução desse texto, Gadamer afirma:

Na sua origem, o fenômeno hermenêutico não é, de forma alguma, um problema de método. Não se interessa por um método de compreensão que permita submeter os textos, como qualquer outro objeto da experiência, ao conhecimento científico. Tampouco se interessa primeiramente em construir um conhecimento seguro, que satisfaça aos ideais metodológicos da ciência, embora também aqui se trate de conhecimentos e de verdade. Ao se compreender a tradição não se compreendem apenas textos, mas também se adquirem discernimentos e se reconhecem verdades. (GADAMER, 2008, p. 29).

Contudo, o reconhecimento de verdades na tradição não implica o estabelecimento de uma hierarquia de verdades, nem a negação absoluta da existência de verdades nas ciências, se trata, ao contrário, de abrir os caminhos para pensar uma verdade extra-metódica a partir da experiência da arte. Talvez o mal-entendido da obra de Gadamer, feita por seus críticos de forma apressada, tenha contribuído para uma compreensão marcadamente metodológica de sua filosofia. Nas palavras de Gaetano Chiurazzi:

Uno dei fraintendimenti più gravi di *Verità e metodo* è infatti quello derivante dall'interpretare il suo titolo come una alternativa o una contrapposizione: verità o metodo. O, peggio ancora, come una presa di distanza sia della verità sia dal metodo, risultato della loro complicità a partire dalla rivoluzione scientifica moderna: cosicché le ragioni per rifiutare l'uno porterebbero a rifiutare anche l'altra. Conseguenza di questo fraintendimento è l'idea, da più parte sostenuta, e con differenti motivazioni, che l'ermeneutica o non ha nulla a che fare con la verità oppure difende un concetto di verità che sarebbe essenzialmente e completamente incompatibile con la metodicità. (CHIURAZZI, 2011, p. 79).

Assim sendo, o mal entendimento a respeito da hermenêutica de Gadamer consistiria em, por um lado, colocá-la em contraposição com as ciências a tal ponto de reduzi-la a mera metodologia e, por outro, afirmar que a hermenêutica nega toda possibilidade para a existência da verdade. Esse mal-entendido, na nossa interpretação, também foi predicado da

filosofia de Gianni Vattimo com relação a sua compreensão da hermenêutica, por ter afirmado a tese da relação entre hermenêutica e niilismo.

O presente artigo defende a tese em que a aceitação do niilismo como conatural à hermenêutica, na filosofia de Gianni Vattimo, não implica a negação da verdade e, justo por essa razão, a hermenêutica filosófica precisa sair da metafísica da presença o que implica, também, a aceitação do conflito como conatural na hermenêutica filosófica contemporânea.

1 Hermenêutica, niilismo e verdade

A tese de que existe uma relação ontológica entre hermenêutica e niilismo, uma vocação niilista da hermenêutica, não é uma tese que Gianni Vattimo começara a desenvolver a partir do texto de 1994 *Oltre l'interpretazione*. As raízes dessa questão podem ser rastreadas com, ao menos, uma década de antecedência. Elas já estavam contidas em um texto de 1985 intitulado *Ermeneutica e nichilismo* que, como é sabido, faz parte da terceira parte de *La fine della modernità*. Neste texto, Vattimo desenvolve a temática com relação à questão da crítica da consciência estética feita por Hans-Georg Gadamer em *Wahrheit und Methode* em 1960. Nessa crítica, segundo Vattimo, as características niilistas da ontologia de Martin Heidegger são completamente desconsideradas e, por essa razão, se corre o risco de um retorno ao neokantismo (Vattimo, 1999, p. 122), paradoxalmente, não querido por Gadamer. Eis a razão pela qual a intensão de Vattimo de voltar sobre os trilhos de Heidegger e mostrar a relação intrínseca dos conceitos hermenêutica e niilismo. Nas palavras de Gianni Vattimo:

[...] mostrare come, in base ad essi, la 'coscienza estetica' così duramente criticata da Gadamer come legata al soggettivismo della filosofia ottonevicesca, vada riscattata da questa critica, e ritrovata come esperienza di verità proprio in quanto esperienza sostanzialmente nichilistica. (VATTIMO, 1999, p. 122-123).

Dois foram os elementos fundamentais para apoiar a tese de Vattimo. Por um lado, “l’analisi dell’Esserci (cioè l’uomo) come totalità ermeneutica” (Vattimo, 1999, p. 123) e, por outro, “lo sforzo di definire un pensiero ultra-metafisico in termini di *An-denken*, rimemorazione, e più specificamente in termini di rapporto con la tradizione” (1999, p. 123). Trata-se para Vattimo de estabelecer um nexos entre as teses de *Sein und Zeit* e os textos posteriores de Heidegger.

No que diz respeito ao primeiro elemento, Vattimo lembra que para Heidegger “il circolo di comprensione e interpretazione è la struttura costitutiva centrale dell’essere-nel-mondo che caratterizza l’Esserci” (1999, p. 123). Justamente é aí onde o *Dasein* como projeto arrojado no mundo, descobre pela sua estrutura compreensiva antecipatória, o mais próprio da sua mundaneidade, isto é, seu ser possível, a sua finitude, “la possibilità di non esserci-più” (1999, p. p. 125), de seu ser-para-a-morte. Em outras palavras, a mortalidade constitutiva do *Dasein* que, ao mesmo tempo, tem uma estrutura *hermenêutica constitutiva*, manifesta a conexão ontológica de seu ser *fundamento-desfundamento* e que faz o *Dasein* viver o niilismo. O homem seria um ser constitutivamente descentrado, excêntrico, fora do X, niilista, nas palavras de Nietzsche (2001, p.8). Em consequência, segundo Vattimo, a totalidade hermenêutica do *Dasein* revela uma questão fundamental: o ser não tem fundamento e possui uma constituição ontológica niilista. Esse elemento é o que teria esquecido Gadamer.

O segundo elemento, por sua vez, diz respeito ao esforço feito por Heidegger para formular um *pensamento rememorador* (*Andenken*), pós-metafísico, mas em conexão com a tradição, o qual está em relação com os trabalhos posteriores a *Sein und Zeit*. Fundamentalmente, a proposta de Gianni Vattimo consiste em pensar a conexão existente entre mortalidade e pensamento rememorador. Com efeito, “l’esercizio della mortalità, che fonda la totalità ermeneutica dell’esistenza, si chiarisce nelle opere del tardo Heidegger come *An-denken*, pensiero rammemorante” (Vattimo, 1999, p. 127), no sentido que a leitura heideggeriana da história da filosofia como metafísica, é manifestação do *esquecimento do ser* e que exige um novo modo de se pensar. Trata-se, como diz o próprio Vattimo, de realizar o pulo ao *Ab-grund*, ao abismo do impensado. Esse pensamento capaz de pensar o impensado, o ser como *Ab-grund*, é o pensamento rememorador. Como afirma Vattimo: “L’essere non è mai davvero pensabile come presenza; il pensiero che non lo dimentica è solo quello che lo ricorda, cioè che lo pensa già-sempre come sparito, andato via, assente” (1999, p. 128). Assim sendo, chega-se à conclusão que do ser já não resta nada e, conseqüentemente, acontece o niilismo. É neste sentido que a conexão da hermenêutica com a tradição não consiste primeiramente num reconstruir ou fazer-presente o passado, senão de se libertar no abismo: isto é, pensar a constitutiva mortalidade do *Dasein* e, nele, do ser que é tempo.

A relação entre hermenêutica e niilismo, após a conclusão precedente, aparece com clareza ao pensar de Vattimo. A tentativa gadameriana de não considerar a *Erlebnis* diltheyana, como fonte de subjetividade historicista, sobretudo na experiência de verdade na obra de arte, é modificada por Vattimo a partir de Heidegger, sobre a base do conceito de *terra*, contido no texto *A origem da obra de arte*, em quanto expõe um mundo (Vattimo,

1999, p. 133). Na leitura de Vattimo, o fato que a obra de arte produz terra, como experiência de verdade, só poderia ser compreendido, na filosofia de Heidegger, a partir da noção de *quaternidade (Geviert)* pois essa expressaria a mortalidade como verdade. Nas palavras de Vattimo:

[...] benché il *Geviert* sia uno dei punti più ardui della terminologia concettuale heideggeriana, i testi sono chiari almeno su un punto: che sulla terra abitano i mortali in quanto mortali. Dalla terra siamo dunque rinviati alla mortalità, che costituisce, come si è visto, il tratto nichilistico basilare dell'Esserci come totalità ermeneutica. (VATTIMO, 1999, p. 134).

Assim sendo, o ser terrestre da obra de arte, como aparece no exemplo das botas da camponesa de Van Gogh evidenciado por Heidegger, não é outra coisa que o acontecimento da mortalidade, do estar presos na finitude da temporalidade. Na interpretação vattimiana, é no acontecimento da mortalidade onde se concretiza a recuperação do conceito de *Erlebnis* porque a consciência estética, perante à obra de arte, vivencia a radical mortalidade do ser e do *Dasein*. Eis aqui a sua verdade, que a mortalidade constitutiva do homem, seu ser terra, se manifesta na experiência da arte.

A hermenêutica filosófica, ao contrário do exposto por Gadamer, está radicalmente unida ao niilismo, tal e como pode se desprender dessa leitura de Heidegger. Nesse sentido, o trabalho de Vattimo consiste numa tentativa de recuperar o niilismo heideggeriano do *esquecimento* de Gadamer e, deste modo, tirar as consequências filosóficas da união intrínseca entre hermenêutica e niilismo.

2 A vocação niilista da hermenêutica

A relação ontológica entre hermenêutica e niilismo para Vattimo, ao menos no período da década de 80, se desenvolve numa relação estreita com a tese da hermenêutica como nova *koiné* da filosofia ocidental que, como sabemos, não é mais que a constatação, segundo Vattimo, de uma certa popularidade que a hermenêutica tem adquirido nas ciências humanas, uma fisionomia ecumênica que, ao mesmo tempo, deixam a hermenêutica numa condição vaga, imprecisa (Vattimo, 1989, p. 38-39) a respeito de seu significado filosófico.

A tese da hermenêutica como nova *koiné*, que tinha sido proposta nos inícios dos anos oitenta, vai ser reproposta por Gianni Vattimo em 1994 nas denominadas *Lições bolonhesas*

que inauguram a relação entre hermenêutica e niilismo como cerne da filosofia do filósofo italiano. Nas palavras de Vattimo, em 2012:

Per il diverso peso di certi temi – la *koiné* ermeneutica e i suoi limiti nel corso di Lovanio; la tentazione del realismo nel corso di Glasgow –, lo scarto temporale dei due corsi risulta determinante. A Lovanio ero reduce da poco dalle lezioni bolognesi confluite poi in *Oltre l'interpretazione* (1994), che avevano inaugurato l'identificazione di ermeneutica e nichilismo come nocciolo del pensiero debole [...] (VATTIMO, 2012, p. 9).

As *Lições bolonhesas* de Gianni Vattimo tiveram lugar na Università degli Studi di Bologna, como parte do curso de Semiótica, a convite do Professor Umberto Eco, entre os dias 11 e 13 de abril de 1994 e foram publicadas no livro *Oltre l'interpretazione* que, pela sua preocupação com o fato da hermenêutica ter se voltado uma *koiné*, tem como subtítulo *Il significato dell'ermeneutica per la filosofia*.

No início do primeiro capítulo do referido livro, intitulado provocativamente *La vocazione nichilistica dell'ermeneutica*, Gianni Vattimo continua a pensar que a hipótese da hermenêutica como nova *koiné* “non sembra sia stata ancora smentita” (2002, p. 3). Mesmo assim, é preciso fazer uma virada, assumindo uma leitura de *esquerda* de Heidegger na sua relação com Nietzsche, com a finalidade de afirmar a tese da vocação niilista da hermenêutica, com base no diagnóstico do devir da hermenêutica como nova *koiné*, em termos filosóficos. Também porque, como diz Vattimo, “un'ermeneutica intesa così ampiamente, che include autori tanto diversi tra loro [...] finisce per essere qualcosa di innocuo e addirittura futile” (2002, p. 3-4). Em outras palavras, que uma hermenêutica entendida num modo assim amplo, onde tudo pode ser chamado de hermenêutica, converte à mesma num fazer fútil, permeável, vago e impreciso. A tarefa de pensar filosoficamente o significado que a hermenêutica tem para a filosofia, para além da aceitação do diagnóstico da hermenêutica como nova *koiné*, não poderia ser feita, para Vattimo, fora da hermenêutica filosófica. Isto é que, como bons hermeneutas, o que se propõe com a tese segundo a qual a hermenêutica filosófica tem uma vocação niilista, não é senão uma interpretação. A pergunta que surge perante uma afirmação deste tipo é: se tudo é interpretação, então não existe a verdade? Ou, se só existem interpretações, então não acontecem fatos?

A resposta, certamente não definitiva, para a pergunta precedente só poderia ser articulada no marco da hermenêutica filosófica. Se o mesmo Gadamer em *Wahrheit und Methode* falava da verdade em termos de *experiência de verdade*, essa não poderia ter outra característica a não ser aquela da finitude e da historicidade. Todavia para Gadamer, “a

verdadeira experiência é aquela na qual o homem se torna consciente de sua finitude [...] A verdadeira experiência é assim experiência da própria historicidade” (2008, p. 467). Assim sendo, na leitura de Vattimo, “l’ermeneutica non è solo una teoria della storicità (degli orizzonti) della verità; è essa stessa una verità radicalmente storica” (2002, p. 9). Dito de outro modo, que se a verdade é experiência da verdade, experiência da finitude e historicidade do homem, como afirma Gadamer, se abre a possibilidade para Vattimo não só de afirmar que a verdade da hermenêutica é fruto da uma teoria da historicidade da verdade, senão, mais radicalmente, que a hermenêutica consiste em ela mesma ser uma verdade radicalmente histórica. Essa afirmação de Vattimo, significa que a hermenêutica é histórica e que, portanto, a verdade também é histórica haja vista a experiência da finitude do homem e, mais radicalmente, que não seria possível sustentar a existência de uma realidade ontológica anterior, eterna, à qual nosso intelecto deva se conformar ao modo de uma *aedequatio* aistórica e *ad extra* da experiência do homem.

Essa é, segundo nossa leitura, a razão pela qual Vattimo afirmava que a hermenêutica, em seu significado filosófico, é aquela “che si sviluppa lungo l’asse Heidegger-Gadamer” (2002, p. 5). Em outras palavras, que são Heidegger e Gadamer os polos e limites da hermenêutica que, por sua vez, revelam seus dois elementos fundamentais: a antologia (Heidegger) e a lingüisticidade (Gadamer), mas também deixam entrever uma crítica à concepção de verdade como *adaequatio*. Com efeito, Heidegger pensa a verdade seguindo as improntas dos gregos, isto é, como *ἀλήθεια*, como *desvelamento e ocultamento do ser*, enquanto que Gadamer pensa a verdade como *experiência de verdade* que comporta um *incremento histórico do ser*. Portanto, há verdade na hermenêutica filosófica, mas certamente não como *adaequatio* a uma verdade anterior ao tempo, a uma verdade metafísica e estável, mas sim, como uma interpretação histórica. Todavia, permanece a pergunta: porque a hermenêutica tem uma vocação niilista?

Com o intuito de responder a esse novo questionamento, Gianni Vattimo nos reenvia para Nietzsche. Por um lado, ao famoso fragmento da *morte de deus* e, por outro, aos parágrafos sobre a história da filosofia como história de um erro. Na primeira sentença, segundo Vattimo, assumindo a interpretação heideggeriana de Nietzsche, não quer afirmar que “Dio è morto perché ci siamo finalmente accorti che oggettivamente non esiste” (2002, p. 10), que temos demonstrado e provado a sua não existência, e deste modo se permanece na metafísica objetivante, mas que verdadeiramente é um anúncio, no sentido que o curso dos acontecimentos históricos *mostram* (e não *demonstram*) que um tal deus, metafisicamente concebido, não é mais necessário para o homem. A vida moderna, por assim dizer, tem outras

preocupações mais importantes, sejam essas técnicas, biológicas, econômicas, políticas, afetivas, numa lista não exaustiva, onde a *presença* de um deus, ou deuses, não tem lugar. O esvaziamento do lugar de deus é um niilismo. Na mesma linha de raciocínio, a distinção platônica entre *mundo verdadeiro* e *mundo das aparências*, tal e como é compreendido por Nietzsche, não poderia não ser compreendido como o início do niilismo. Isto é, que se o *mundo das aparências* não existe, também não pode existir o *mundo verdadeiro* porque esse último, o verdadeiro, o é só em quanto existe o mundo das aparências. Nas palavras de Gianni Vattimo:

che il mondo vero sia diventato favola può essere anche espresso nei termini del nichilismo di Nietzsche. Si è consumata (fortunatamente) l'oggettività del mondo a favore di una sempre crescente trasformazione soggettiva non individuale ma delle comunità, delle culture, delle scienze, dei linguaggi. Questo è quello che io teorizzo col pensiero debole. (VATTIMO, 2005, p. 55).

Neste sentido, poderia ser afirmado que moramos na época do niilismo pois teríamos, parafraseando Heidegger, uma *imagem do mundo*, uma fábula nos termos de Nietzsche. Mas, como evidencia Vattimo, que o mundo objetivo, verdadeiro, tornou-se fábula não poderia ser compreendido como o triunfo do subjetivismo individual, ao contrário, isto *mostra* uma crescente transformação das comunidades, das culturas, das ciências e das linguagens. Essa transformação, bem pode ser lida como um histórico enfraquecimento do ser, da verdade, das ciências e da hermenêutica filosófica que Vattimo teoriza com o pensamento fraco.

Desta forma, na proposta de Vattimo, aparece como um sem sentido que Gadamer não se faça a pergunta, já feita por Heidegger, sobre o sentido do ser, da diferença ontológica, da crítica à metafísica e sua crítica à essência da técnica (mesmo que Gadamer seja um crítico do método das ciências naturais): ao niilismo. Reação similar é a que mostra Jean Grondin:

Se *Verità e metodo* parla proprio di svolta ontologica, nell'opera di Gadamer la questione dell'essere sembra tuttavia quasi del tutto cancellata. È abbastanza stupefacente constatare come Gadamer non abbia mai direttamente ripreso la questione dell'essere del suo maestro. (GRONDIN, 2008, p. 39).

Todavia, eis o sentido da expressão vattimiana *vocação niilista da hermenêutica*, isto é, responder filosoficamente ao envio do ser, da sua verdade, nos tempos da modernidade tardia: a hermenêutica já tinha sido chamada para acertar as contas com o niilismo, mas Gadamer não respondeu. O niilismo torna-se, deste modo, um aspecto fundamental para

pensar a hermenêutica filosófica neste momento histórico que, para Vattimo, aparece como a sua *chance* e que, ao mesmo tempo, abre o caminho para pôr em obra uma ontologia fraca como consequência lógica do entrelaçamento entre as filosofias de Heidegger e Nietzsche. Em outras palavras, “non sembra possibile ‘provare’ la verità dell’ermeneutica se non presentandola come risposta a una storia dell’essere interpretata come accadere del nichilismo” (Vattimo, 2002, p. 11) ou, o que significa o mesmo, “riconoscere il nesso tra essenza interpretativa della verità e nichilismo” (Vattimo, 2002, p. 18). A vocação niilista da hermenêutica, mesmo correndo o risco da repetição, não é nada mais do que a passagem da uma metafísica da presença para uma ontologia fraca, para uma ontologia do *progressivo* enfraquecimento do ser que pensa o ser como sido: o niilismo que caracteriza todo ente (*Ens* é o particípio passado do verbo ser em latim).

Mesmo esclarecida a questão da vocação niilista da hermenêutica, e nesta questão “Gianni Vattimo mostra di essere un degno erede di Heidegger” (Grondin, 2008, p. 39), aparece uma nova pergunta, talvez a mais evidente: porque é necessário sair da metafísica?

3 Hermenêutica como conflito

Em 2009, na revista *Annuario filosofico*, Gianni Vattimo publicou o artigo intitulado *Dal pensiero debole al pensiero dei deboli* mostrando desse modo uma virada política na sua filosofia. Naquele texto, Vattimo se faz explicitamente a pergunta supra citada: “perché cercare di uscire dalla metafisica?” (2009a, p. 12). A resposta do filósofo turinense é que, certamente, não é para ter uma outra ideia adequada ou verdadeira do ser, o que seria uma contradição, senão, como diz ele:

[...] perché vi riconosciamo la base della organizzazione totale del mondo entro la quale noi stessi non potremmo più chiamarci essere. E la metafisica, con il suo corrispettivo pratico-politico della organizzazione totale, è quella che tacita l’orizzonte della *alétheia*. (VATTIMO, 2009a, p. 12).

Em outras palavras, que a saída da metafísica não é outra coisa que *mostrar* que isso que está escondido, isso que a metafísica cala, o não-dito da *alétheia*, o silêncio, é “il silenzio dei vinti di cui parla Benjamin nelle *Tesi sulla filosofia della storia*” (2009a, p.13). Sair da metafísica é o longo e cansativo exercício de escuta do acontecer do ser na história, isto é, a escuta dos vencidos na história, dos derrotados ou, na linguagem de Vattimo, dos fracos.

Todavia, escutar aos fracos, *mostrar* historicamente a sua verdade, nunca está livre das dificuldades, disso que a hermenêutica gadameriana esqueceu em favor do diálogo: o conflito.

A afirmação precedente, segundo nossa visão interpretativa, pode se relacionar com muitos parágrafos da chamada *Conferência de despedida* do ensino universitário na Universidade de Turim no mês de outubro de 2008 de Vattimo. Como sabemos, nessa Conferência, Vattimo faz uma retomada da questão do niilismo no sentido que seu êxito, na hermenêutica, “non significa non avere più criteri di verità, ma che questi criteri sono storici e non metafisici” (2009b, p. 11). Nesse sentido, a verdade só poderia acontecer na persuasão e no compartilhar e, por essa razão, requeria do diálogo histórico. Gadamer, certamente, propôs uma teoria do diálogo, porém, segundo Vattimo, não pensa a questão do conflito, “come se in quella teoria ci fosse troppo ottimismo, troppo irenismo” (Vattimo, 2009b, p. 11). A condição geral do mundo ou globalização, torna Vattimo sensível ao conflito porque, após ter sido submetido a cada convite ao diálogo que, de modo geral na política, acaba em não escutar ao outro. Contudo, o conflito é conatural a hermenêutica filosófica, no sentido que para Vattimo, “la fiducia platonica, che si ritrova in Gadamer, nella sua creatività, suppone sempre che ci sia, da qualche parte, il vero” (2009b, p. 15). Na perspectiva de Vattimo, Gadamer não escutou o chamado, a vocação, o envio do ser, para pensar o vínculo conatural entre hermenêutica e niilismo e, também não, entre hermenêutica e conflito. Todavia, parece evidente que, nas atuais condições gerais do mundo, a maior parte das mudanças geradas em nível político não aconteceram através do diálogo, mas sim pelo conflito. Muitas vezes as mudanças sócio-políticas, na *política real*, não acontecem por causas democráticas ou por diálogos, ao contrário, os conflitos são tão profundos que se impõem por si só, relegando o diálogo a um terceiro plano. Mas, o aceite da condição de permanente conflito na hermenêutica filosófica, segundo Vattimo, leva a conceber o trabalho do filósofo nos mesmos termos. A filosofia, nas palavras de Vattimo:

[...] se non vuole essere metafisica sempre solo apologetica delle cose come stanno, deve guardare alla condizione universale del mondo e lasciarsene interpellare. Già pensarla così, però, la mette nella necessità di impegnarsi. Non si può cercare di uscire dalla metafisica – oggettiva, apologetica, “realistica” – senza venir coinvolti nel conflitto da cui soltanto può scaturire la verità-evento. (VATTIMO, 2009b, p. 16-17).

A verdade, interpretada em chave heideggeriana como liberdade, só pode se realizar a partir da saída do silêncio, do misticismo, no acontecer do conflito. Dito conflito como conatural à filosofia na época da modernidade tardia, isto é o niilismo, movimenta a

hermenêutica filosófica do diálogo ao conflito. Ainda mais, na análise de Vattimo, se realiza em termos ontológicos a passagem da ontologia hermenêutica gadameriana para a hermenêutica fraca. Realiza-se deste modo a vocação niilista da hermenêutica, a qual não foge dos conflitos próprios das interpretações e que tem suas consequências na vida política contemporânea.

Conclusão

A hermenêutica filosófica, fruto de seu devir *koiné* da cultura ocidental, tem sido muitas vezes mal compreendida ao ponto de ser assimilada a uma metodologia para a interpretação de textos e, por seu caráter historicista, como negadora de toda possível verdade. O mal-entendido poderia ser reforçado quando se afirma, como faz Vattimo, que a hermenêutica tem uma vocação niilista.

A finalidade deste escrito, tal e como temos enunciado na introdução, era defender a tese segundo a qual o aceite do niilismo como conatural à hermenêutica, na filosofia de Gianni Vattimo, não implica a negação da verdade e, justo por essa razão, a hermenêutica filosófica precisa sair da metafísica da presença o que implica, também, o aceite do conflito como conatural na hermenêutica filosófica contemporânea. Consequentemente, podemos concluir o que segue:

1. Que a tentativa de reduzir a hermenêutica filosófica a mera metodologia ou, no melhor dos casos, a uma teoria do conhecimento é fruto de uma compreensão pouco cuidadosa da obra *Verdade e método* de Gadamer. Como temos mostrado na introdução, o próprio Gadamer criticava essa redução da sua filosofia tentando sinalizar para a existência de verdades no interior da tradição que, como ele mesmo mostra, não se contrapõem as verdades geradas dentro das ciências.
2. Que o niilismo, segundo a filosofia de Gianni Vattimo, está no cerne da hermenêutica filosófica, a tal ponto que pode-se afirmar que é conatural à hermenêutica filosófica porque, ao aceitar as teses de Heidegger, a estrutura ontológica do *Dasein* como *Verstehen* mostra o caráter finito, de mortalidade e temporalidade do existir humano (Heidegger, 2010, § 31) que, ao ser lido com relação a sentença da *morte de deus* de Nietzsche, segundo Vattimo, mostra com clareza que não é possível desenvolver uma

ontologia hermenêutica, como pretendia Gadamer, sem levar em consideração e de modo radical o niilismo.

3. Que as possibilidades para o desenvolvimento de uma hermenêutica fraca, ou um enfraquecimento da hermenêutica filosófica, segundo Vattimo, estão na rejeição por parte de Gadamer de pensar as consequências de uma ontologia filosófica. Em outras palavras, que a não tematização das consequências da filosofia de Heidegger, da pergunta pelo sentido do ser, da diferença ontológica, da superação da metafísica e a essência da técnica que Heidegger identifica com o niilismo, parecem pouco plausíveis para uma hermenêutica, como a de Gadamer, que tem como finalidade o desenvolvimento de uma ontologia hermenêutica.
4. Que a tese vattimiana da vocação niilista da hermenêutica não significa a negação da existência da verdade. O aceite do niilismo implica, para Vattimo, a negação de uma verdade metafísica absoluta como *adaequatio* mas que, ao mesmo tempo, afirma a existência de verdades históricas que podem ser compartilhadas por comunidades e que poderiam ser transvalorizadas.
5. Que a hermenêutica filosófica de Vattimo ao aceitar o niilismo, através da crítica ao *irenismo* (pacifismo) dialógico de Gadamer, abre o caminho para a hermenêutica pensar a política. Se o conflito é conatural a toda hermenêutica, como afirma Vattimo, então a crítica e saída da metafísica são necessárias na época do triunfo do capitalismo. Que o pensamento fraco de Vattimo vire pensamento dos fracos, sinaliza uma via para a emancipação política dos fracos como marginados. Como afirma o próprio Vattimo em 2018: “[...] l’ermeneutica è ormai la voce di una categoria intellettuale progressivamente emarginata nella gerarchia accademica, e fatalmente si trova spinta a condividere, spesso anche in politica, le posizioni di altri gruppi marginali” (p. 77). A ação política da hermenêutica, após o aceite do niilismo e o conflito, tem por finalidade a transformação do mundo. Nas palavras de Vattimo, parafraseando a Marx: “Finora i filosofi hanno creduto soltanto di interpretare il mondo, ma in verità lo stavano cambiando” (2001, p. 60). Eis a consequência política do aceite do niilismo como vocação da hermenêutica filosófica em Gianni Vattimo.

Referências

- CHIURAZZI, Gaetano. *L'esperienza della verità*. Milão: Mimesis, Milão, 2011.
- GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método I*. Trad. Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 2008.
- GRONDIN, Jean. “Gianni Vattimo e la tesi dell’ermeneutica sull’essere”. Em *Pensare l’attualità, cambiare il mondo*. Milão: Mondadori, 2008.
- HEIDEGGER, Martin. *Essere e tempo*. Trad. Pietro Chiodi. Milão: Longanesi, 2010.
- NIETZSCHE, Friedrich. *La volontà di potenza*, Milão: Bompiani, 2001.
- VATTIMO, Gianni. *La fine della modernità*. Milão: Garzanti, 1999.
- VATTIMO, Gianni. *Etica dell’interpretazione*. Turim: Rosenberg & Sellier, 1989.
- VATTIMO, Gianni. *Della realtà. Fini della filosofia*. Milão: Garzanti, 2012.
- VATTIMO, Gianni. *Oltre l’interpretazione*. Roma-Bari: Laterza, 2002.
- VATTIMO, Gianni. “Per un cristianesimo non religioso”. Em *Cos’è la religione oggi?* Pisa: ETS, 2005.
- VATTIMO, Gianni. “Dal pensiero debole al pensiero dei deboli”. Em *Annuario filosofico*. Nº XXIV. Milão: Mursia, 2009a.
- VATTIMO, Gianni. “Del dialogo al conflitto”. Em *Trópos*. Nº 1. Roma: Ed. Aracne, 2009b.
- VATTIMO, Gianni. *Essere e dintorni*. Milão: La nave di Teseo, 2018.
- VATTIMO, Gianni. “Interpretare il mondo è cambiare il mondo”. Em *<L’essere, che può essere compreso, è linguaggio> Omaggio a Hans-Georg Gadamer*. Gênova: Il melangolo, 2001.

Nota

¹ Esse artigo é resultado do projeto de pesquisa, financiado pela UFMA, PVCHU603-2017: Efeito hermenêutico: o enfraquecimento da hermenêutica filosófica em Gianni Vattimo.